

Música e Ensino de História.

Anderson Rodrigues; Christian Mackedanz; Luise Rodrigues; Michel Motta;
Vinicius Veleda¹; Ana Inez Klein³;

¹ Universidade Federal de Pelotas – vinicius_wailer@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – anaiklein@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O seguinte resumo é resultado de uma oficina realizada pelo Pibid, em 12 de Junho de 2013 na Escola Superior de Educação Física (ESEF). Somos do subgrupo Humanidades - da grande área de História.

Queríamos naquela oficina auxiliar os graduandos e professores das licenciaturas em alguns aspectos metodológicos e práticos, que o ajudariam a trabalhar “música” em sala de aula – com alunos de ensino básico.

2. METODOLOGIA

A oficina aconteceu dia 12 de Junho de 2013 das 14 até às 17 horas. Como regulamento, as oficinas ofertadas pelo Pibid, seriam realizadas entre as 14 horas e 18 horas.

Organizamo-nos para elaborar as atividades, já sabendo do tempo que tínhamos disponível. A atividade se deu em quatro momentos, sendo o primeiro e o segundo mais voltados para uma exposição do campo teórico relacionado com a temática em questão, e o terceiro e quarto momentos, uma atividade mais prática para da oficina.

Em relação ao tempo do trabalho, os momentos da oficina foram previamente divididos em um período aproximado de duas horas, sendo que, 40% do tempo estimado reservado para o primeiro e segundo momento, tendo a divisão de 20% para cada um, e 60% para o terceiro e quarto momento, tendo a divisão de 40% para o terceiro e 20% para o quarto, essa ordem cronológica atendeu as demandas dos trabalhos propostos na ordem a seguir.

A primeira parte da oficina teve o intuito de trazer um lastro teórico para o trabalho, tratou-se então de um resumo de dois textos do historiador Marcos Napolitano (*História e Música*, 2005 e *Fontes audiovisuais*, 2011), que nos auxiliaram metodologicamente, a extrair o maior número de “informações” na análise da canção – (como parâmetros “poéticos” e parâmetros “musicais”), esse momento do trabalho foi de suma importância, pois abriu o trabalho ponderando limites e possibilidades do trabalho com música.

A segunda parte da oficina, já com caráter mais “disciplinar”, buscava ponderar alguns aspectos para o trabalho com “música”, como interface no estudo disciplinar de História, ou seja, contou com a exposição das possibilidades de se trabalhar com a análise da música paralelamente ao trabalho da análise histórica, dentro do intuito pedagógico utilizar-se da música para “ilustrar” os estudos disciplinares de história.

A terceira parte do trabalho utilizou primeiramente o autor Friedlander (2010) para empregar uma metodologia de trabalho para possibilitar o uso da música no contexto do estudo historiográfico, ou seja, propor métodos de análise que possibilitassem a introdução da música no contexto pedagógico para o ensino de história, com isso como uma canção pode ser inserida dentro de sala para

ilustrar o assunto tema. Em seguida procurou-se exemplificar, com três propostas para a sala de aula. No primeiro exemplo, foram utilizadas as músicas Pipes of Peace¹ e One² para trabalhar a 1ª Guerra Mundial. A primeira canção faz uma alusão à trégua de natal, quando, em 1915 soldados alemães, ingleses e (alguns) franceses fizeram uma pausa no conflito para celebrar a data. A segunda tem como referência o romance “Johnny Got His Gun” de 1939 (este livro também motivou o filme Johnny vai à guerra), no qual o personagem vai lutar na 1ª GM, sofre um grave acidente e perde todos os sentidos, mas entende tudo. Seu corpo passa a ser sua prisão. Após o público ouvir as músicas (através do videoclipe legendado), lhes foi perguntado qual das duas narrativas das canções, correspondia a uma situação real, amparada por documentação histórica, pedindo que justificassem a resposta. Não houve unanimidade. Alguns optavam pela primeira canção, justificando que muitos participavam da guerra contra a vontade e que devem ter ocorrido momentos de apaziguamento, enquanto outros escolhiam a segunda, apostando na imagem caótica e violenta que toda guerra carrega. Os principais objetivos, estimular o debate e o interesse pelo tema, foram alcançados. Por fim, explicamos qual a origem das duas canções, apontando a primeira como a mais verossímil e a segunda como obra literária. No segundo exemplo, procuramos trabalhar a partir da problematização do Hino do Rio Grande do Sul, ou seja, como poderíamos nos servir desta produção para as demandas das variadas linhas de estudos possíveis partindo da análise do mesmo, tanto como documento quanto como canção, observando sua produção e modificação no decorrer da história.

Foi exposta também a utilização do videoclipe da música Paschendale da banda Iron Maiden, como recurso auxiliar no universo do tema apresentado. Uma breve curiosidade a respeito da banda e sua história de formação, para que, além de despertar curiosidade. Trazer a atenção do público e seu conhecimento da relação estabelecida entre o videoclipe musical e a área de História. Foi entregue a letra da música em português e inglês para acompanharem a exibição do videoclipe como da sua própria letra. Logo direcionamos algumas questões do próprio conteúdo de história como ênfase no contexto histórico do videoclipe. Apontamos questionamentos a respeito dos horrores da guerra e seu real sentido, além de apontar outras possibilidades de trabalhos em sala de aula como a letra ou composição da música. Gerando discussões e inúmeras possibilidades pelos participantes da palestra.

Talvez a principal advertência apresentada seja a relação estabelecida entre dois universos com suas especificidades próprias. O recurso do videoclipe musical e a história podem parecer tão próximos, mas se mal direcionados podem prejudicar o trabalho em sala de aula. Cabe ao docente direcionar sua proposta de utilização e estabelecer algumas relações, além de inserir no conteúdo trabalhado em sala de aula. Para a partir daí, não estabelecer nenhum equívoco ou gerar um mal entendido entre os dois campos do conhecimento.

Por fim, o quarto e último momento, foi o período em que se deu a interação com o público, onde podemos observar os reflexos das ponderações das partes anteriores do trabalho, em um primeiro momento foram criados questionamentos indagando as impressões dos participantes em relação à proposta do trabalho, com o intuito de estimular a interação entre o grupo e colher impressões práticas e teóricas sobre a atividade, contrapondo idéias pertinentes

¹ Disponível em <<http://letras.mus.br/paul-mccartney/89553/>>, acesso em 07 out. 2013.

² Disponível em <<http://letras.mus.br/metallica/25926/>>, acesso em 07 out. 2013.

ao tema do trabalho, com base nas possibilidades do uso da música como ferramenta para o ensino de história.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a primeira parte da oficina utilizou-se basicamente dois textos do historiador Marcos Napolitano: *História e Música* (2005) e também, *Fontes áudio-visuais* (2011). A apresentação e discussão desses textos deveriam ser entre 35-45 minutos.

Por um caráter didático, as idéias extraídas das obras acima citadas foram subdivididas em seis partes, e são elas:

- 1) Seleção de material - tentamos informar como escolher, procurar informações (nos fonogramas, sobre as gravações, o (s) artista (s) participantes, crítica da imprensa – ajudar a fazer um “*corpus documental*” da canção) e bibliografias específicas que trabalhem com música.
- 2) Características gerais da “forma canção” - tentamos traçar aspectos sobre o que seria a “forma canção”. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar, operando uma série de linguagens, música/poesia e implica em séries informativas, de caráter: histórico, sociológico, biográfico, estético, político, poético.
- 3) Parâmetros básicos para a análise da canção - expor algumas questões para análise da canção, antes de entrar propriamente na “letra” e “música”.
- 4) Parâmetros poéticos, “letra” – montamos um resumo para fazer um “mote” da canção (identificar o tema geral da canção), que ajudaria o professor a extrair os elementos da “letra” da canção.
- 5) Parâmetros musicais, “música” – esta parte foi subdividida em 6 partes: melodia; arranjo; andamento; vocalização; gênero musical; “efeitos” eletroacústicos. Parâmetros que auxiliariam o professor a utilizar os timbres, sensações e efeitos estéticos que a música pode causar sobre os sentidos dos alunos.
- 6) Instâncias da análise contextual – após verificar os aspectos da estrutura da canção, seria sempre interessante, relacionar com o pólo “contextual” da canção. Pois sempre há um tempo e um espaço determinados e concretos através dos quais a canção se realiza como objeto cultural. De modo geral, temos que levar em conta quatro instâncias contextuais da canção: criação, produção, circulação, recepção/ apropriação.

O autor Marcos Napolitano, ainda propõe um conjunto de questões para avaliar a eficácia política da música, e são elas: a prática musical provoca debate; ela provoca choque (não necessariamente do novo), mas em relação às normas e a autoimagem do ouvinte?; Qual tipo, ou tipos de funções estruturais cognitivas ela provoca: cognitiva, afetiva, cinética, etc.; Qual seu poder conectivo (em relação a outros discursos ou práticas?)

Esta parte da oficina, desta forma, dedicou-se a auxiliar o professor a extrair informações sobre a música - para que ele possa problematizar de maneira efetiva a canção (ou a “forma canção”). Problematizá-la a partir de características estruturais, a “letra” ou a “música”, ou ainda, a partir de sua inserção contextual. Considerando, portanto, essas duas instâncias “letra” e “música”, mais os aspectos de situação temporal e espacial, ou seja – o contexto – cabe ao professor não privilegiar nenhuma das instâncias, pois elas trabalham intrinsecamente.

Porcentagens:

Tendo em vista o número total de participantes da oficina “Música e Ensino de História”, aplicada no evento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) realizado na Escola Superior de Educação Física (ESEF) em 2013, chegaram-se as seguintes conclusões sobre os frequentadores da mesma:

- De todos os cursos que estiveram presentes na sala de realização da oficina, a maior porcentagem foi do curso de Matemática: Um total de 7 participantes que representaram 31,81% dos presentes.
- O segundo curso com maior presença de participantes foi o de História: 4 participantes que representaram 18,18% dos presentes.
- Com porcentagens mais “intermediárias” tivemos os cursos de Geografia com 3 presentes (13,63%), Educação Física e Música, com 2 participantes cada um (9,09% para cada curso).
- Outros cursos tiveram menor porcentagem de representantes: Dança, Filosofia, Física e Química tiveram, cada um, 1 participante que representou 4,54% em cada curso.

Tendo como base a lista de todos aqueles que inscreveram na oficina, percebeu-se que:

- Dos 25 inscritos na oficina “Música e Ensino de História”, apenas 64% das pessoas compareceram de fato, ou seja, 16 pessoas. As outras 9 pessoas (36%) não compareceram.
- Dos 26 assinantes da lista de presença oficial, no momento de aplicação da oficina, apenas 61,5% das pessoas estavam, de fato, inscritas. O restante do público (38,5%, ou seja, 10 pessoas) compareceu “na hora” da oficina, mostrando interesse no tema.

4. CONCLUSÕES

Nosso objetivo foi, portanto, tentar contribuir para os professores das licenciaturas a utilizarem a música como recuso didático. Em um primeiro momento – tentamos dar subsídios (metodológicos) para esses professores extraírem o maior número de informações sobre da música desejada. Depois, trabalhamos de maneira mais disciplinar, na área de História. Por fim, utilizamos música, video-clipes e o hino – para exemplificar nossa proposta pedagógica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and roll: uma história social*. 6 ed. Rio Janeiro: Record, 2010.

GANDRA, Edgar (Org.). *PIBID Humanidades – História*. Pelotas: Editora da UFPel, 2012.

MORAIS, J. Jota de. *O que é Música?* São Paulo: Círculo do Livro, s/d. (Coleção primeiros passos).

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música: história cultural da música popular*. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Fontes audiovisuais: a História depois do papel.** In: PINSKY, Carla. (org.). *Fontes Históricas*. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2011.